

OYO

Por Marta López

Uma paisagem erma, terra de cor ocre. Cheiro de enxofre. No centro do cenário uma mulher jovem (X) deitada no chão com os braços formando uma cruz. Escutam-se os seus pensamentos.

(X) Abri estes olhos sem saber ainda que eram os meus e conheci pela primeira vez o que era o AZUL do céu.

Os fechei, e o meu todo voltou a ser NEGRO: a calma opaca e aconchegante. Brinquei de piscar

AZUL

PRETO

AZUL

PRETO

AZUL

A roda gigante de cores me entreteve distraída por um longo tempo

De repente, o BRANCO. A voluptuosidade caprichosa de uma nuvem... deliciosa... as minhas pálpebras foram caindo relaxadas

Mas pouco a pouco essa tela espessa com que eu me guardava foi tingindo-se de VERMELHO. Algo lá fora estava interferindo na minha pequena habitação própria. Era o sol

Em seguida intuí que aquela enorme bola de calor devia representar algo grave, porque a sua presença trouxe consigo um inesperado contratempo, eu não podia olhar diretamente pra ela. Até então, em choque pelos meus descobrimentos encadeados, não me havia ocorrido que pudesse encontrar com algum que me estivesse vetado, com algum alheio ao meu rudimentar instrumental de conhecimento

Entrei na mais fanática e AMARELA das febres.

(X) Começarei pelo princípio. Sabe, eu nasci grudada no chão.

Sim, eu não sou daqueles que renegam o seu passado porque não o entendem. Digo que as minhas primeiras lembranças são percepções recolhidas desde longe: o céu, as nuvens, inclusive a chuva, tudo em horizontal

Desconheço quando apareci nesse pedaço de terra e como fui parar nele.

Tudo o que eu sei é tudo quanto sou capaz de lembrar.

O que eu lembro?

Lembro do calafrio que me fez mover pela primeira vez os dedos dos pés. Foi esse espasmo revelador que me deu a ideia de que podia tentar levantar a cabeça. Ensaiei várias vezes esse mínimo e doloroso gesto que devia ampliar os meus horizontes.

E assim descobri o corpo que eu era

uma capa impermeável até o tornozelo, dois pés descalços, a pele sem muitas rugas. A tela transparente deixava ver que eu já não era nenhuma menina, tinha o corpo pequeno, mas desenvolvido

Gira a cabeça para o público

Não parece haver nada ao meu redor, nem sequer os restos de nada
Só este corpo entre o céu e o solo.

O ar pesado,
 um cheiro de enxofre
E o silêncio,
 o silêncio também é.

Sabe, sempre gostei de pular de uma perna só. Me lembro disso.
Me tranquiliza o som da palavra “nenúfar” quando se repete varias vezes.

Mas enquanto seguia aqui, bloqueada sobre um pedaço de terra seca, sem voz e sem saber sequer o que significa “nenúfar”, somente queria salvar-me

Escuta-se a voz de um locutor de rádio

...RADIO COSSO. BOLETIM INFORMATIVO:

OS ESPECIALISTAS EM NUTRIÇÃO ASSEGURAM QUE OS HÁBITOS ALIMENTARES DA MAIOR PARTE DA POPULAÇÃO SÃO POUCO MENOS QUE DEFEITUOSOS, ROGA-SE AOS ORGANISMOS INTERNACIONAIS QUE NA MEDIDA DO POSSÍVEL TENTEM ENVIAR COMIDA...

- (X) Uma das coisas que mais despertava a minha curiosidade nesse momento eram as minhas mãos, não as mãos em si, mas as unhas, o barro que havia nelas. Se algum outro pudesse vê-las de perto imaginaria que eu tinha cavado um profundo buraco. Não cansava de olhá-las. Parecia que elas não tinham nada a ver comigo e já quase não conseguia pensar em outra coisa. O meu desconcerto era absoluto: não queria ficar sepultada embaixo dessa substância alheia e pegajosa que me subia pelos dedos e que se seguisse assim logo ia cobrir-me inteira. O corpo começava a pesar-me de novo. Devia escapar e depressa. Tinha que tenta-lo.

Ela dobra os joelhos, tremem, consegue aproximar os braços do corpo, levanta o torso devagar, apoia as mãos no chão, dá um impulso

Sim.

Eu nasci grudada no chão, mas nunca foi um estado irreversível.

Agora eu sei disso

Cambaleante e desorientada

O estômago pulsa, o sangue bomba na minha cabeça, esse formigamento...

Um zumbido, e a visão

vai volta vai volta vai volta vai volta VAI

brilha!

Cai de cara com um golpe surdo.

Um foco de luz forte ilumina a cena brevemente e depois escuridão absoluta.

Quando a luz regressa, há outra figura no fundo do cenário. Volta a escutar-se a voz do locutor

...ESTA MÚSICA VAI DEDICADA A TODOS OS VALENTES QUE DEIXAM A PELE NO CAMPO DE BATALHA, A TODOS AQUELES HOMENS E MULHERES QUE ARRISCAM AS SUAS VIDAS PARA SALVAR AS NOSSAS...

Ela entreabre as pálpebras, olha o solo com raiva

(X) VOCÊ ERA TUDO PARA MIM!

Alucinada, ensurdecida, respira fundo uma vez, respira fundo de novo, e começa a rastejar-se, primeiro um braço, depois o outro...

Estou movendo-me! A capa sobe pelas minhas pernas e se amontoa ao redor da minha cintura, o solo me esfola os joelhos e o dorso dos pés, mas que importa se eu estou movendo-me e as minhas mãos e as minhas unhas estão cheias de barro e eu só queria salvar-me longe bem longe, longe porque aqui não tinha nada e mais adiante quem sabe

a esperança é por si só um caminho.

Quando não se tem, como eu não tinha, uma medida certa do tempo ele basicamente não faz sentido e se dilui. O mesmo poderia se dizer do espaço. Ambos os conceitos no meu mundo eram tão monótonos, tão idênticos a partir de qualquer perspectiva que resultavam inúteis. Não se pergunte então onde ou em que momento a vi, mas sei que a vi

Uma figura minúscula na distância infinita da planície.

E adivinha?

Esse corpo –no qual eu reconheci as minhas formas- não se movia, estava fixado no chão

Minha solidão e meu instinto eram tudo o que eu tinha.

Frenética, fora de controle, (X) começa a dar tapas no chão com ambas as mãos, com a testa, com os pés

Queria mostrar-lhe tantas coisas, queria que me acompanhasse e fazia tanto ruído como me permitia minha precária postura, ruído para que me escutasse, para que ela levantasse a cabeça e me reconhecesse

até que enfim alguém iria reconhecer-me

dava palmas e pontapés
pontapés e latia
latia e gemia
sem descanso e sem consolo
porque não tinha resposta alguma
ou talvez

porque neste lugar moribundo somente estou eu
eu que nem sequer tenho sombra
tão sozinha como sempre
pior

muito mais sozinha que nunca.

*Um foco de luz forte ilumina a cena brevemente e depois escuridão absoluta.
Quando a luz regressa, há um monte de terra com um grande buraco no meio*

A voz do rádio

...VOCÊS ACABAM DE ESCUTAR _____
NA CONTINUAÇÃO ESCUTAREMOS _____

(X) acorda pouco a pouco. A pergunta postergada a golpeia então com toda a sua fúria: de onde vem essa música?

(X) Eu reconheço essa música – não está longe (música instrumental) - é por aqui (música) – e agora? Pela esquerda, vem da minha esquerda (música) – estou chegando

Se arrasta até o buraco um pouco e um pouco mais e um pouco mais perto ainda

(X) Buraco sem fundo
Olho sem pálpebras

Fossa

Sem duvida o som provem do interior do buraco

(X) A sua proximidade me da câimbras na espinha. Como se o tivesse respirando nas minhas costas, escondido na sua própria escuridão e pronto para pular-me em cima

Mas eu tenho que encontrar-me com você de novo.

Sem titubeios, mete os braços dentro do buraco decidida a resgatar a fonte do som. A música para, se escuta o rádio sem dial. (X) apalpa dentro do buraco ensimesmada

(X) Sulcos de arranhadas
baratas
musgo
nomes de mulheres
nomes de homens
migalhas de pão seco
solas de bota percorrendo o corredor

Ela emite um demorado grito gutural cheio de angustia, posição fetal, protege-se como se alguém estivesse batendo nela, afasta-se do buraco

(X) O BARRO... este maldito barro das minhas unhas...

No fundo do cenário, a outra figura, (Y), mais velha, gira a cabeça na direção de (X), se levanta um pouco e pergunta com voz debilitada:

(Y) Quem está aí?

(Y) segue repetindo essa frase cada vez mais alto, cada vez mais desperta, mais alerta. As suas palavras reverberam

Enquanto isso, (X) segue emitindo sons guturais, totalmente fora de si, de costas para a outra, e sacode desesperadamente uma terra invisível do corpo, machucando-se. De repente escuta a (Y). Detêm-se ainda com a respiração muito agitada e gira-se para ela, a outra –vestida com a mesma capa impermeável- vai aproximando-se arrastando o corpo até chegar ao seu lado.

Voltam a escutar-se os pensamentos de (X)

(X) Assim sou eu? Essa e minha cara?

(Y) aproxima lentamente a mão e busca o rosto de (X), o percorre devagar, se acalma. Fala por fim

(Y) Ah, é você.
Tá tremendo! *(a abraça lentamente)*
Você ainda é jovem, não se esqueça também disso

Lhe fala ao ouvido, (X) esta paralisada, o corpo muito tenso

(Y) Pode entender-me? *(X assente com a cabeça)*
Esse buraco daí... você não deve aproximar-se de novo dele, está escutando? Não foi uma boa ideia escavá-lo, mas a gente queria tanto fugir, não é? Mas você já não deve aproximar-se de novo, escutou? É perigoso, ele esteve chupando o pouco que nós tínhamos ainda: uns poucos amigos, restos de casas arrasadas, bichos, e o pior de tudo, ele também vai ficando com o nosso tempo

O poeta disse uma vez que afinal nós somos feitos de tempo, não é?

Esquece, acabas esquecendo, e quando finalmente esquece tudo, esquece também que a tua única oportunidade era mover-se, mover-se para que a lama não acabe te ofegando viva!

(X) grunhe batendo no seu peito e no peito de (Y)

(Y) O que? Você quer saber se somente estamos nós duas? *(a mulher mais velha sorri com doçura)* seguramente tem mais, isto daqui é muito grande.

(X) agarra bruscamente a (Y) pela munheca, puxa-a. (Y) surpresa:

(Y) Você quer ir embora já? Para que tanta pressa? Bom, nesse caso primeiro tem que levantar-se do chão. Se apoia nas minhas costas para pegar impulso

(X) obedece e consegue, logo agarra (Y) no braço com firmeza. A outra a olha fixamente em silêncio

(Y) Quer que eu vá com você? *(a mais velha sorri de novo)*
Isso não querida.
Minhas pernas já não são o que eram
e de qualquer forma eu estou esperando alguém

*Um foco de luz forte ilumina a cena brevemente.
Depois*

ESCURIDÃO ABSOLUTA

ATENÇÃO

O acervo disponível para consulta neste site é composto de obras desenvolvidas pelos alunos do Núcleo de Dramaturgia do SESI/PR, e foram disponibilizadas tão somente para fins educacionais. Desta forma, é vedado ao usuário ou qualquer outra pessoa que tenha acesso ao conteúdo deste site, copiar, modificar, transferir, sublicenciar, vender, ou de qualquer forma, colocar à disposição de terceiros, sem autorização do detentor dos direitos autorais.

Contato do autor: Marta López García

Email: emelege3@hotmail.com